



**Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)**  
**Autónoma Academy**

**Curso de Especialização**  
**Geopolítica e Segurança do Mediterrâneo**

*“Travessia do Mediterrâneo:  
Entre um Mar de Esperança e uma Fronteira de Sofrimento”*

**Realizado por: Pedro Miguel Beirão Pereira**

Lisboa  
2023

# Índice

---

Introdução .....	3
Marrocos e Espanha: o drama de Melilla e Ceuta .....	4
Líbia: a porta de entrada para a Europa .....	7
Turquia e Europa: o dilema dos refugiados .....	10
Conclusão .....	13
Bibliografia .....	15

## Introdução

---

Nas últimas décadas tem-se assistido a vários acontecimentos na região do Mediterrâneo que tendem a tornar esta região bem diferente daquilo como a conhecemos aos dias de hoje. O surgimento de novos atores, novas dinâmicas, novas iterações, novas disputas e novos fluxos acarretam desafios e problemas sem precedentes com os quais seremos obrigados a lidar num futuro não muito longínquo.

Países como a China, a Rússia, a Turquia, os vários países do Médio Oriente e as várias potências do Norte de África tem vindo a assumir um papel cada vez mais preponderante e cada vez com maior relevo no cenário Mediterrânico.

A Europa mais do que nunca se encontra perante novos e perigosos desafios sobre os quais terá de agir não se podendo refutar de forma alguma.

A (não) decisão de hoje acarretará sem dúvida alguma a consequência de amanhã. E a instabilidade, a incerteza e a insegurança serão dominantes se nada for feito.

Vários são os desafios colocados neste tabuleiro de xadrez e que a União Europeia terá de enfrentar. Pese embora a relevância e importância de todos eles, neste trabalho optei por restringir a minha análise e opinião aos fluxos migratórios para a Europa, à crise dos migrantes nos vários cenários do Mediterrâneo e sobretudo aos direitos humanos (que pese embora os esforços que tem sido feitos até à data) continuam a ser esquecidos em muitos casos.

Tentarei ao longo deste trabalho dar uma perspetiva sobre acontecimentos marcantes (alguns exemplos entre muitos que infelizmente ainda acontecem nos dias de hoje) nas principais rotas do Mediterrâneo: na rota Ocidental, o ponto de passagem entre o Norte de África e a Península Ibérica (mais concretamente o que tem sucedido nas cidades de Melilla e Ceuta); na rota Central, a vaga de migrantes (que escapam dos conflitos Sírio, Iraquiano e Afegão) e tentam chegar à Europa através das ilhas italianas da Sicília, Lampedusa e Calábria; na rota Oriental, as vagas de migrantes vindos do Médio Oriente tendo como destino a Turquia (usada como ponto de passagem para chegarem à Europa).

Nos vários capítulos que compõem este trabalho, será feito um breve enquadramento histórico, detalhada a importância dos vários atores em cada um dos cenários, mas acima de tudo colocado a ênfase (pese embora os esforços feitos) sobre as questões relacionados com direitos humanos, respeito, liberdades e garantias que devem assistir a todos os migrantes que auguram uma vida melhor e procuram segurança e uma nova oportunidade em território europeu.

## Marrocos e Espanha: o drama de Melilla e Ceuta

---

Neste capítulo abordarei aquilo que creio serem os aspetos mais relevantes da rota do Mediterrâneo Ocidental, mais concretamente da passagem entre o Norte de África e a Península Ibérica e do qual fazem parte as rotas através das cidades de Melilla e Ceuta.

Registou-se um progressivo aumento de travessias por estas rotas (sobretudo pela falta de controlos efetivos) tendo sido atingido um pico em 2018. Desde então esta realidade tem vindo a ser progressivamente reduzida (sem nunca findar) devido ao reforçado controlo fronteiriço por parte de Marrocos em estrita cooperação com a União Europeia e Espanha (cuja relação tem sofrido alguns revezes significativos como veremos mais à frente) mas que ainda assim continua a não dar a segurança necessária para quem arrisca a vida em busca de uma vida melhor.

### A fronteira terrestre da Europa com África

Melilla e Ceuta são enclaves espanhóis e as únicas fronteiras terrestres entre Europa e África. Situados no Norte de África mais concretamente a noroeste no Magrebe, região da qual fazem parte Marrocos, Argélia, Tunísia e Saara Ocidental. E são estes países do Magrebe os principais “culpados” pela extrema relevância que estes 2 enclaves tem nos dias de hoje.

O atual conflito do Sahara Ocidental (ou a disputa pela independência Sarauí) trata-se de um conflito que opõe o povo Sarauí e a Frente Polisário ao Reino de Marrocos pela independência.

Este conflito foi antecedido pela insurgência da Frente Polisário contra as forças coloniais Espanholas (1973 a 1975) levando à retirada destas do Sahara Ocidental (Acordos de Madrid).

Um novo conflito com o apoio da Argélia contra Marrocos e a Mauritânia (entre 1975 e 1991) teve na sua génese a criação de uma República Árabe Sarauí Democrática (nunca reconhecida oficialmente pela ONU, mas apenas com a concordância ao direito à autodeterminação do povo Sarauí). Quase ao mesmo tempo Marrocos (em conjunto com a Mauritânia em 1976 abdicando posteriormente em 1979) anexaram o Sahara Ocidental.

As décadas seguintes foram marcadas por conflitos e impasses entre estes atores tendo-se chegado a um acordo de cessar-fogo entre a Frente Polisário e Marrocos (onde o primeiro teve uma presença minoritária (<20%) contra um domínio do segundo (>80%) no Sahara Ocidental).

Novas turbulências voltaram a ressurgir nos anos subsequentes (em 2005 e 2011) trazendo novamente instabilidade e conflito à região. Em 2019 foram feitos novos esforços de paz pela ONU tendo Marrocos, Mauritânia, Argélia e Frente Polisário se sentado uma vez mais à mesa das negociações, mas em 2020 um novo episódio (operação militar de Marrocos na zona de Guerguerat) voltou a fazer retroceder os esforços de paz.

Como nos conta a história até aos dias de hoje (e como veremos mais à frente) este continua a ser um problema sem fim à vista perpetuando o sofrimento dos povos desta região.

### **A crise entre Marrocos e Espanha**

Tudo decorria dentro da “*possível*” normalidade. A Argélia (apoianta convicta da Frente Polisário) é um importante parceiro estratégico de Espanha no que diz respeito ao fornecimento de gás natural e ao combate dos grupos islamitas nas fronteiras do Mali e República do Níger. Por outro lado, Marrocos que sempre procurou junto dos Estados Unidos o reconhecimento da soberania do Sahara Ocidental (concedido unilateralmente pela administração Trump em troca da normalização das relações com Israel) é também um parceiro estratégico de Espanha (nas pescas, investimento empresarial, trocas comerciais, turismo, controlos fronteiriços entre outros) mas que considera a presença marroquina no Sahara mais como uma invasão do que como uma soberania.

Ainda assim, a instabilidade nestes países (Marrocos e Argélia entre outros) continuou a trazer vagas de migrantes para Melilla e Ceuta, com os desideratos e tragédias que todos bem conhecemos, mas cujos benefícios económicos e estratégicos tendem a fazer “*esquecer*”.

No entanto tudo se alterou drasticamente em abril de 2021.

De uma forma não oficial, mas que mais tarde acabou por ser do conhecimento público (e confirmada pelas entidades oficiais) em plena pandemia, as autoridades espanholas acederam ao pedido de entrada do líder da Frente Polisário (Brahim Ghali) no país para ser tratado num hospital Espanhol por conta de uma infeção por Covid-19.

Tudo isto gerou um enorme incidente diplomático que durou até março de 2022, tempo durante o qual Marrocos fez questão de demonstrar a Espanha que sobretudo o controlo fronteiriço dos migrantes assim como as trocas comerciais estavam intimamente ligadas a boas relações diplomáticas e que as mesmas tinham sido seriamente afetadas.

O auge desta “*retaliação*” marroquina surgiu logo em maio de 2021 quando milhares de pessoas (maioritariamente menores sobre os quais vigora o “*principio da não devolução*” ao país de origem em contraponto com o que pode ser feito com os adultos) foram “*atirados*” para as fronteiras de Melilla e Ceuta.

E assim se manteve durante os meses seguintes.

Infelizmente, vemos uma vez mais que os estados no seu superior interesse “*utilizam*” as pessoas para chantagear e obter vantagens de qualquer ordem, usurpando direitos e deveres que devem sempre ter e respeitar. As pessoas foram utilizadas como pura arma de retaliação entre estados quando o seu desígnio deveria ser acima de tudo protegê-las.

## **O reatar das relações, mas a continuação do sofrimento**

Depois de meses de angústia e sofrimento (cujas notícias nos meios de comunicação social nunca conseguiram transmitir com exatidão a verdadeira dimensão da tragédia) tornaram a situação verdadeiramente incomportável para Espanha.

Em 2022, as autoridades espanholas começaram a preparar uma possível aproximação ao Reino de Marrocos tendo em visto o debelar do problema. Espanha teve efetivamente de ceder e a forma de resolver este diferendo foi a utilização do Sahara Ocidental como moeda de troca.

Espanha que sempre foi defensora de que o Marrocos era um ocupante do Sahara Ocidental (e que só através da realização de um referendo com o patrocínio da ONU seria a forma correta de decidir a soberania do território) advoga agora que o Sahara Ocidental seja considerado uma região autónoma controlada por Marrocos sendo este o ponto de partida mais sério, credível e realista para a resolução do litígio.

Este volto face, voltou a sentar à mesa das negociações ambos os países e propôs um reforço na cooperação no que diz respeito à migração ilegal, trocas comerciais e investimentos (uma vez mais passando para segundo plano os direitos humanos de quem tenta cruzar a fronteira).

Internamente, o Governo Espanhol (tanto dos membros da sua coligação como da oposição e da opinião pública) sofreu pressões para não ceder a Marrocos, tendo isto sido considerado como um sinal de fraqueza. Também a Argélia não viu com bons olhos esta reaproximação e reforço de cooperação entre Espanha e Marrocos.

No entanto (e infelizmente uma vez mais) isto não foi o quanto baste para resolver (ou sequer melhorar) as condições dos migrantes que (embora em menor número) continuam a tentar passar a fronteira e a chegar aos dois enclaves espanhóis.

O controlo fronteiriço marroquino voltou novamente a ser mais restritivo e musculado para os migrantes e são vários os relatos (desde 2022 até à data) de casos de violência, abusos e desrespeito por parte das autoridades. Em junho de 2022, voltou-se a assistir novamente a uma tragédia que implicou a perda de dezenas de vidas de migrantes nestas duas fronteiras.

No entanto ambos os governos se congratularam publicamente pelos sucessos obtidos nesta nova fase da sua cooperação no controlo das fronteiras.

Como é possível alguém (que seja minimamente responsável) advogar sucesso ou congratular-se publicamente com o que quer que seja, quando para isso ser atingido estão envolvidos o desrespeito pelos direitos humanos mais básicos e, mas mais grave ainda a perda de vidas humanas.

## Líbia: a porta de entrada para a Europa

---

Neste capítulo abordarei um dos aspetos mais importantes da rota do Mediterrâneo Central, mais concretamente uma das principais rotas utilizadas pelos migrantes que pretendem chegar à Europa e que o fazem a partir da Líbia (por onde transitam) para destinos como Malta e sobretudo as regiões italianas da Sicília, Lampedusa e Calábria.

A União Europeia continua, em estreita colaboração com as autoridades e governo líbio, a implementação de programas de desenvolvimento local e de assistência aos migrantes como forma de capacitar este último para conseguir lidar com estes fluxos migratórios. Tem sido uma tarefa árdua, bem-sucedida em alguns casos, mas ainda com muitos revezes pois, os relatos de vítimas nas travessias continuam a acontecer (ainda que tendencialmente decrescentes ao longo dos anos). Também os relatos de violência e usurpação de direitos para quem nem chega a sair sequer da Líbia são uma infeliz realidade.

### **A luta entre França e Itália e uma Líbia dividida**

Depois de 4 décadas com Muammar al-Gaddafi (ou Kadhafi) no poder, pese embora alguns avanços tidos na luta contra o analfabetismo e em parte dos setores social e económico (sustentados sobretudo pelos grandes lucros do petróleo) fica indubitavelmente marcado por um regime que sempre tratou com “*mão de ferro*” os seus, onde sempre imperou a corrupção e um uso massivo da repressão sobre o povo líbio.

2011 marca o ano da viragem na Líbia. Trípoli e Benghazi são “*sacudidas*” por sangrentas manifestações fortemente reprimidas pelo regime. Os protestos estendem-se a praticamente todo o país e grupos de civis e militares desertores iniciam uma luta armada (Guerra Civil Líbia) organizando-se mais tarde naquilo que seria conhecido como o Conselho Nacional de Transição.

Tais acontecimentos obrigaram também a uma reação enérgica da comunidade internacional. E em março de 2011, o Conselho de Segurança da ONU (Resolução 1973) autoriza o uso de força com o estrito propósito de defender o povo líbio. Este facto acabou por mais tarde fazer pender o “*sucesso*” do conflito para o lado dos revoltosos (sendo oficialmente reconhecidos e com assento oficial no Conselho das Nações Unidas).

Ainda assim a Líbia continua sem paz à vista e profundamente dividida: em Trípoli existe um governo oficialmente reconhecido pela ONU com um controlo muito limitado do território (manietado por várias milícias) e a Leste (região de Benghazi) um governo e um parlamento anti islamita (liderados pelo General Haftar) com o contraponto do não reconhecimento do governo oficial e que constantemente advoga a independência desta região do restante território líbio.

Os anos passam e a instabilidade na Líbia infelizmente permanece viva.

O seu povo sofreu, sofre e continuará a sofrer os desideratos de conflitos atrás de conflitos por esta luta incessante e insana do poder pelos seus responsáveis. E que (ir)responsáveis são estes que massacram o seu próprio povo (com anos de guerras, mortes, fomes e dificuldades num país com bastantes recursos e que poderia ter um futuro bem mais auspicioso e próspero) sobe o desígnio de uma chegada quase cega ao poder.

### **O papel da União Europeia e da Líbia no controlo dos migrantes**

Desde sempre a Líbia tem sido um território de trânsito para refugiados e migrantes de várias origens (principalmente provenientes da África Subsariana e do Médio Oriente) impelidos no seu êxodo por questões relacionadas com pobreza, fome, conflitos ou perseguições que sofrem nos seus países. Também a instabilidade que se tem vivido nos últimos anos, no durante e pós-guerra civil Líbia tem forçado os seus nativos a abandonarem o próprio país com o propósito de encontrarem segurança e uma vida melhor.

E toda esta “*confusão*” na qual o país está mergulhado à muito tempo, acaba por o tornar num território fértil para a atuação de redes criminosas que exploram as fragilidades do sistema e sobretudo dos migrantes lucrando com as suas necessidades (“*oferecendo*” serviços com elevados custos como o transporte e falsificação de documentos) e impelindo-os sem qualquer pejo para o perigo (e demasiadas vezes para a morte) nas tentativas desesperadas de travessia do mar Mediterrâneo tendo em vista alcançar o território Europeu (nomeadamente Sicília, Lampedusa e Calábria em Itália e em menor número para Malta).

Por outro lado, a questão da rota do Mediterrâneo Oriental (rota Turquia-Grécia) e o “*bloqueio*” que foi acordado entre a União Europeia e a Turquia relativamente aos migrantes que chegam ao país e que tem de permanecer neste, tem de certa forma contribuído (segundo estudos da Frontex e União Europeia) para uma escolha preferencial pela Líbia e pela opção da rota do Mediterrâneo Central para chegada ao território europeu.

No entanto, a União Europeia continua o seu esforço (umas vezes mais outras vezes menos) consequente de, em conjunto com Líbia, dotar esta com as “*ferramentas*” necessárias para numa primeira instância poder lidar com esta realidade. Várias ações tem sido e continuam a ser desenvolvidas (como veremos no capítulo seguinte) mas que ainda assim parecem não ser as suficientes para pôr termo à perda de vidas dos migrantes que tentam esta travessia.

Também a divergência a nível europeu entre alguns dos seus estados-membro acaba por ser mais um fator que em nada contribui para se encontrar uma solução definitiva para este problema.



Por um lado, a Itália alinhada com a posição oficial das Nações Unidas reconhecendo a legitimidade do governo baseado em Trípoli como sendo único e legítimo (posição alinhada com os interesses e influência italiana na costa ocidental da Líbia) contrapõe os interesses sobretudo económicos detidos pelos Franceses na zona Lesta do país (região de Cirenaica e Bacia do Sirte).

Uma vez mais os interesses das nações tem mais valor que a vida dos migrantes.

### **O problema líbio e a (in)ação da Europa**

Dada a instabilidade interna Líbia, dificilmente o país terá a capacidade necessária para fazer face a esta realidade das migrações de forma efetiva (e muito menos de forma independente).

A União Europeia tem realizado esforços no sentido de tentar lidar e “*resolver*” esta questão. Em conjunto com a União Africana e a ONU criou um grupo de missão (2017) com o intuito de reforçar a cooperação entre os vários atores de forma a dar uma resposta aos desafios da migração em África, com especial enfoque na questão Líbia.

Ao longo dos anos este grupo tem sido reajustado com medidas e apoios tendo em vista a continuação da sua missão, nomeadamente a redução da migração irregular, a proteção e assistência aos refugiados e aos migrantes vulneráveis, a melhoria das condições de vida e da resiliência do povo líbio, o combate às organizações criminosas que operam na região, a formação e apoio da guarda costeira Líbia, a melhoria da gestão das fronteiras e o reforço da cooperação com outros países de origem e transito de migrantes tem sido os principais desígnios a serem cumpridos ao longo dos anos de vigência desta missão.

No entanto são ainda muitos os relatos de atropelos aos direitos humanos.

Muitos na primeira pessoa feitos pelos próprios migrantes, muitos outros corroborados por organizações não governamentais que operam no país e que dão conta das mais bárbaras atrocidades cometidas contra estes: deste torturas e outros maus-tratos, condições de detenção cruéis e desumanas, obrigatoriedade de trabalhos forçados, humilhações várias (despidos e sujeitos a inspeções invasivas e violentas), espancamentos, violência e coação tanto psicológica como sexual, privação de alimentação e de condições higiénicas básicas são alguns dos chocantes relatos recolhidos.

Muitos dos migrantes, depois de viverem um verdadeiro inferno no país de onde fugiram, vivem outro tanto na odisseia de poderem chegar ao mar Mediterrâneo e se capturados durante a travessia terão à sua espera um novo inferno nos centros de “*acolhimento*” em território líbio.

Até quando os países europeus se vão permitir a isto e a fingir que tudo está bem? Como se pode aceitar que se está a resolver o sofrimento com mais sofrimento ainda.

## Turquia e Europa: o dilema dos refugiados

---

Neste capítulo abordarei aquilo que creio ser a questão mais importante da rota do Mediterrâneo Oriental, mais concretamente as vagas de migrantes vindo do Médio Oriente (de várias origens) tendo como país de destino a Turquia, utilizado como ponto de passagem para conseguirem chegar a outros destinos na Europa nomeadamente Grécia, Chipre e Bulgária.

A guerra da Síria acabou por se tornar num dos principais catalisadores que aumentaram em muito a vaga de migrantes a utilizarem esta rota sobretudo para poderem escapar do conflito e conseguirem encontrar uma vida melhor. Em 2015 registou-se um significativo número de entradas na Europa de migrantes vindo desta origem, tendo a mesma registado significativa redução desde então. A cooperação entre a União Europeia e a Turquia tem sido fundamental não significando isto que o problema tenha sido resolvido pois o elevado número de migrantes “retidos” na Turquia continua a ser preocupante e sem uma aparente solução à vista.

### **Turquia: o aliado quase perfeito**

Mesmo fazendo parte de vários mecanismos institucionais Europeus como o Conselho da Europa, Nato, OCDE entre outros, a tentativa de adesão da Turquia à União Europeia tem sido uma dura batalha travada ao longo das últimas décadas (candidata em 1987, elegível em 1999 e início das negociações em 2005) com alguns avanços mas sobretudo com muitos retrocessos.

A Turquia em termos geográficos é um país muito grande (aproximadamente 2 vezes o tamanho da Alemanha), com cerca de 70 milhões de habitantes estando o seu território entre o continente Europeu e o continente Asiático (prevalecendo substancialmente a área neste último) sendo o seu posicionamento geoestratégico de extrema importância como veremos mais adiante.

A geografia, o ponto de passagem fulcral para vários recursos naturais, a demografia (jovem e em crescimento) e as boas relações económicas (com cerca de 50% de importações e exportações) fazem da Turquia um bom aliado que a União Europeia quer (e deve) manter do seu lado. Do outro lado a adesão traria consequentemente desenvolvimento social e económico permitindo à Turquia vantagens a níveis cultural, económico e político (reconhecido pelo próprio país desde que se propôs a cumprir os critérios de Copenhaga para a adesão).

No entanto não existem aliados nem soluções perfeitas e este caso não é exceção.

A negociação para a adesão tem evoluído muito lentamente. Dos vários capítulos necessários serem cumpridos (total de 35) apenas 16 deles foram iniciados e negociados ao longo dos anos tendo findado apenas um com sucesso (em 2016). Desde então tudo tem estado parado.

As violações dos direitos humanos e o desrespeito pelo Estado de direito tem sido os fatores

que mais contribuíram para o insucesso das negociações e o afastamento entre os intervenientes.

A instabilidade da Turquia (oposição interna forte de grupos islâmicos mais radicais que se opõem à “*europaização*” do país, a tentativa de golpe de estado em 2016 e correspondente resposta que foi dada por parte das autoridades) aliada à desconfiança e incerteza dos Europeus sobre a adesão do país são também fatores relevantes que condicionam o sucesso deste processo.

### **Turquia: o 'tampão' da Europa na crise migratória**

O ano de 2015 fica indubitavelmente registado na história Europeia (pelos piores motivos) como o ano da crise dos refugiados. As estimativas feitas à data apontam para um êxodo em massa de migrantes oriundos na sua esmagadora maioria da Síria, Iraque e Afeganistão (provocado pela guerra nestes países) em direção à Europa através da rota Turquia/Grécia. Algo de dimensões semelhantes apenas aconteceu no decurso da Segunda Guerra Mundial.

Segundo dados oficiais, desde o início do conflito na Síria até hoje, terão entrado na Turquia aproximadamente 4 milhões de refugiados (sendo o país com o maior registo a nível mundial).

A Europa estava em choque com a situação, quase sem saber o que fazer (culpa também dos diferendos existentes entre os seus estados-membro sobre esta situação) e urgia encontrar-se uma solução com a maior brevidade possível para fazer face a este problema. E a mesma acabou por acontecer em março de 2016. Sob a liderança da Alemanha a União Europeia chegou a um acordo com a Turquia (Declaração União Europeia-Turquia) aplicável por um prazo de 5 anos.

Parecia ter-se encontrado a solução perfeita.

A Europa acalmava as suas hostes. Evitava a entrada descontrolada de migrantes (sem ter estados-membro disponíveis para os acolher), prevalecia a estabilidade do Sistema Europeu de Asilo, a manutenção do controlo fronteiriço (Espaço Schengen) e os diferendos entre os estados-membro sobre como lidar e acolher migrantes ficava “*praticamente resolvido*”. Do outro lado, temos uma Turquia que se apresentou como a “*protetora*” do Espaço Schengen acolhendo os migrantes no seu território a troco de muitos milhares de milhões de euros (tanto os que chegam ao seu território como os que chegam às ilhas Gregas e são enviados de volta para a Turquia).

No entanto esta solução apenas “*escondeu*” o problema fora das fronteiras da União Europeia e não o resolveu efetivamente. Cinco anos volvidos após a assinatura desta declaração parece que tudo permaneceu na mesma, pois os planos de recolocação dos migrantes ficaram suspensos, a reforma de Dublin (sistema de asilo e migrações) ficou por concretizar, as missões no Mediterrâneo estagnadas e a unanimidade e solidariedade necessária entre os vários estados-membro em torno desta questão padece ainda de muitos impasses e incertezas.

## A fragilidade europeia e um problema não resolvido

Todas estas vicissitudes acabam por marcar indefetivelmente a relação entre os países. E como veremos, um problema mal resolvido (pela Europa) acabará por se tornar num problema ainda maior com o passar do tempo.

O facto de os migrantes chegarem e serem acolhidos na Turquia, não faz disso um lugar seguro para estas pessoas. E a Europa tem de perceber isso e agir em conformidade.

A Turquia não subscreve na totalidade toda a legislação internacional sobre refugiados o que por si só restringe liberdades e direitos de quem já fugiu da falta deles (apenas quem é europeu pode requerer esse estatuto com plenos direitos). Também os abusos e violência das autoridades sobre os migrantes estão (quase constantemente) na ordem do dia e o retorno forçado aos seus países de origem são uma infeliz realidade demonstrando o desrespeito pelos direitos humanos mais básicos de quem já muito sofreu para ali chegar.

Como descrito inicialmente, a Turquia assume uma posição (geo)estratégica fundamental e isso ao longo dos anos tem-lhe conferido um crescendo de importância no cenário mundial. Ganhou uma grande relevância regional, tornou-se num ator internacional (como demonstrado recentemente através do conflito na Ucrânia) com um importante *soft power*.

E isso tem permitido ao primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan “*ombrear*” cada vez mais (leia-se ameaçar) a Europa, utilizando a questão dos migrantes como principal arma de arremesso (sendo o contraponto ao processo de adesão da Turquia que continua (e continuará) sem fim à vista) e publicamente assumido (pelo próprio e pelas autoridades do país) que neste momento a Europa precisa mais da Turquia do que a Turquia da Europa.

Tudo isto culminou em fevereiro de 2020 em mais um episódio com a Turquia a assumir publicamente que iria deixar de impedir a entrada de migrantes que cruzassem as suas fronteiras (como acontecia desde 2016) alegando que a Europa não estaria a respeitar os acordos assinados. Os alarmes dispararam na Europa. A Grécia foi a primeira a defender-se com todos os meios ao seu alcance (abusos das autoridades nas fronteiras, não acolhimento de migrantes e suspensão da atribuição de vistos) esquecendo por completo as responsabilidades assumidas com a assinatura do Estatuto dos Refugiados de 1951 respeitante à Convenção de Genebra.

Uma vez mais os direitos e a vida dos migrantes passam para segundo plano porque aquilo que parece mais importar para estes atores são as aparências (Europa) e os interesses (Turquia).

E no meio desta triste história parecem existir apenas culpados (União Europeia e os seus estados-membro, Turquia, Grécia) que apenas olham para os seus interesses em detrimento dos inocentes (migrantes) que são aqueles que infelizmente mais sofrem.

## Conclusão

---

Sobre o desígnio, inicialmente formulado dos novos desafios colocados à União Europeia, o surgimento de novos atores, novas dinâmicas, novas disputas e novos fluxos acabarão por se tornar nos principais catalisadores de mudanças (quase certas) na região do Mediterrâneo.

Foi o objetivo deste trabalho colocar a ênfase na questão dos fluxos migratórios e mais concretamente na crise dos migrantes. Os atropelos feitos aos seus direitos, liberdades e garantias por parte dos vários atores na região do Mediterrâneo, onde muitas vezes a “*solução*” encontrada, se baseia naquilo que esteve na génese do seu êxodo: violência, perseguição, coação e desrespeito pelas condições mais básicas que um ser humano merece (e deve) sempre ter.

Foram apresentadas algumas evidências recentes nas principais rotas do Mediterrâneo:

- Na rota Ocidental, os enclaves de Melilla e Ceuta e a crise ocorrida em abril de 2021 entre Marrocos e Espanha (sobre as questões do reconhecimento do Sahara Ocidental).
- Na rota Central, com a vaga de migrantes que tentam escapar aos conflitos sírio, afegão e iraquiano (e através da Líbia pagar com a vida o desejo de chegarem à terra prometida).
- Na rota Oriental, as vagas de migrantes vindos do Médio Oriente tendo como destino a Turquia (e cuja melhor solução encontrada foi mantê-los aqui indefinidamente).

Mas o que tem estes três exemplos em comum para além de migrantes que fogem dos seus países em busca de segurança e de uma vida com dignidade?

1) pese embora o esforço tido pela União Europeia junto dos países de transito e origem (em programas conjuntos para melhoria dos aspetos e da ação inerente a estes fluxos) muitas centenas de migrantes que fogem dos seus países em conflito para proteger a sua vida continuam a morrer às portas da Europa. E qualquer vida perdida colocará sempre em causa os esforços que estão a ser feitos como sendo ainda (muito) insuficientes.

2) A forma como a Europa (estados-membro e países de trânsito) continuam a “*mascarar*” as soluções encontradas para os fluxos dos migrantes. Os fluxos tem efetivamente diminuído ao longo dos últimos anos mas terá sido à custa de melhorias nos países de origem? Antes pelo contrário e os campos de migrantes em Marrocos, Líbia e Turquia entre muitos outros (nos quais as condições são, com o passar do tempo cada vez mais desumanas) trazem à luz do dia as imensas fragilidades das soluções encontradas.

3) O modo com a União Europeia continua a não conseguir falar a uma só voz sobre a questão de asilo dos migrantes e a gritante falta de compromisso entre os diversos estados-

membro na predisposição que deveriam ter para acolher migrantes (deixando transparecer sempre a ideia de que o problema é apenas de alguns quando deveria ser de todos assim como as soluções a encontrar).

4) Como os países de trânsito, nos exemplos que foram apresentados ao longo deste trabalho (Marrocos, Líbia e Turquia) fazem “*tábua-rasa*” dos direitos humanos e o modo desumano como acolhem e tratam os migrantes. Qualquer que seja a rota, os relatos de torturas e maus-tratos, condições de detenção cruéis e desumanas, obrigatoriedade de trabalhos forçados, humilhações várias, espancamentos, violência e coação tanto psicológica como sexual, privação de alimentação e de condições higiénicas básicas são situações que nos deveriam envergonhar a todos, em especial os países que advogam serem defensores dos direitos humanos.

5) O facto de os estados-membro da União Europeia parecerem estar “*satisfeitos com as 'não' soluções*” encontradas e onde a “*prisão*” dos migrantes (em Marrocos e na Turquia) parecerem ser soluções ótimas desde que não entrem na Europa. Será isto sério e decente?

O adiar de uma solução concreta e efetiva por parte da União Europeia sobre esta questão apenas adia o problema e não o resolve.

Ainda sem que este problema esteja resolvido em definitivo, muitos outros fatores já se vislumbram no horizonte e que poderão no curto/médio prazo tornar a questão dos fluxos migratórios ainda mais problemática.

Para além dos conflitos que atualmente existem nestes países de origem, as alterações climáticas poderão ser o grande próximo catalisador para o aumento dos fluxos migratórios. Secas, fome e acesso a água potável serão com certeza motivos mais do que suficientes para que mais pessoas de regiões pobres e desfavorecidas de África e do Médio Oriente vejam a Europa como um oásis onde vão querer chegar a todo o custo.

Um dado que poderá ainda ser mais preocupante são as previsões sobre a demografia africana até 2050, onde se espera um crescimento demográfico muito acelerado sem que exista o respetivo desenvolvimento económico do continente e este facto tornar-se-á em mais um fator de pressão sobre a região do Mediterrâneo e consequentemente incrementar dos fluxos migratórios.

A União Europeia já está a ser e continuará a ser colocada à prova nas próximas décadas.

O tempo urge e ações são precisas. Terá obrigatoriamente de ser feito muito mais do que aquilo que já foi feito até ao dia de hoje. Por um futuro melhor para todos.

# Bibliografia

---

## Mediterrâneo Ocidental (Marrocos-Espanha)

---

<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-migration-policy/western-routes/>

<https://frontex.europa.eu/we-know/migratory-routes/western-mediterranean-route/>

<https://eurocid.mne.gov.pt/artigos/rotas-migratorias-de-entrada-na-ue#toc-rota-do-mediterr-neo-ocidental->

<https://www.idn.gov.pt/pt/publicacoes/nacao/Documents/NeD132/NeD132.pdf>

<https://observador.pt/opiniao/ceuta-prenuncia-mais-um-quebra-cabecas-para-a-europa/>

<https://expresso.pt/internacional/2023-02-01-Espanha-e-Marrocos-poem-fim-a-crise-bilateral-com-primeira-cimeira-em-oito-anos-c40d5b68>

## Mediterrâneo Central (Líbia)

---

<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-migration-policy/central-mediterranean-route/>

<https://frontex.europa.eu/we-know/migratory-routes/central-mediterranean-route/>

[https://ec.europa.eu/trustfundforafrica/region/north-africa/libya/managing-mixed-migration-flows-libya-through-expanding-protection-space\\_en](https://ec.europa.eu/trustfundforafrica/region/north-africa/libya/managing-mixed-migration-flows-libya-through-expanding-protection-space_en)

<https://eurocid.mne.gov.pt/artigos/rotas-migratorias-de-entrada-na-ue#toc-rota-do-mediterr-neo-central>

<https://www.amnistia.pt/libia-cooperacao-torna-a-europa-conivente-com-continuas-violacoes-de-direitos-humanos/>

<https://www.amnistia.pt/cinco-anos-de-acordos-de-cooperacao-entre-a-uniao-europeia-e-libia/>

## Mediterrâneo Oriental (Turquia-Grécia)

---

<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-migration-policy/eastern-mediterranean-route/>

<https://frontex.europa.eu/we-know/migratory-routes/eastern-mediterranean-route/>

<https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2016/03/18/eu-turkey-statement/>

<https://eurocid.mne.gov.pt/artigos/rotas-migratorias-de-entrada-na-ue#toc-rota-do-mediterr-neo-oriental>

<https://carloscoelho.eu/dossiers/view/18/507>

<https://www.amnistia.pt/oito-coisas-para-perceber-a-crise-nas-fronteiras-da-turquia-com-a-grecia/>

<https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/world/20170426STO72401/relacoes-entre-a-ue-e-a-turquia-entre-cooperacao-e-tensao>